

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



REBELO, Brito (Ponta Delgada , 1830 – Lisboa, 1920)

Filho de Pedro de Brito Rebelo, figura importante do exército liberal falecida após o Cerco do Porto, Jacinto Inácio de Brito Rebelo (nascido a 25 de Outubro de 1830 em Ponta Delgada) teria igualmente actividade marcada pela vida militar, embora também se tenha destacado como bibliófilo, escritor e historiador. Estudou no Colégio Militar terminando o curso em 1847. A 27 de Julho desse ano assentou como praça em infantaria. Seguindo a carreira militar e até ser promovido a capitão, desempenhou diversas funções no sector das obras públicas em vários concelhos do país. Chegou a Coronel (1887) e atingiu a reforma (1895) enquanto general de brigada.

No campo literário foi autor de dramas e de poesias mas foi como historiador que se destacou, revelando manifesto interesse pelos acontecimentos ligados ao arquipélago dos Açores. Colaborou em diversos periódicos como, por exemplo, o *Jardim das Damas*, o *Campeão das Províncias*, o *Jardim Literário*, para além d'*O Instituto* e do *Arquivo Histórico Português*, onde mostrou qualidades notáveis como historiador. Foi um dos fundadores do jornal *Concórdia* (1873), onde foi o redactor principal, e d'*O Ocidente*, *Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878), revelando-se como um dos seus mais activos colaboradores. Nos vários estudos monográficos e artigos que escreveu deu especial atenção às figuras de Gil Vicente, Afonso de Albuquerque, Miguel Leitão de Andrade e Alexandre Herculano. Deve-se a Brito Rebelo a primeira publicação do *Livro de Marinharia* (1903) atribuído a João de Lisboa, manuscrito quinhentista encontrado na biblioteca dos condes de Castelo Melhor, bem como a publicação de uma edição popular da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto em quatro volumes (1908-1910).

Em Novembro de 1879 aceitou o convite de Ernesto do Canto para colaborador assíduo do *Arquivo dos Açores*. Desloca-se então para Lisboa vindo a proceder a sérias investigações na Torre do Tombo em busca de documentos que pudessem aclarar a história açoriana. Porém, face a índices incompletos e algumas cotas disponibilizadas por Ernesto do Canto a revelarem-se erradas – mas que, por vezes, até conduziam a novas descobertas –, as suas investigações foram morosas e difíceis. Note-se que na época a leitura da documentação do arquivo não era pública, os funcionários tinham um trabalho muito ocupado em torno dos diplomas régios, não existiam monografias de apoio nem os catálogos que surgiram posteriormente. Não obstante, Brito Rebelo foi um dos investigadores que mais contribuiu com documentação histórica para esse projecto, sendo as suas transcrições paleográficas caracterizadas pelo rigor e acompanhadas de notas eruditas. Desse trabalho desenvolvido na Torre do Tombo surgiram



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

igualmente preciosas achegas para a história dos descobrimentos portugueses, e que foram bastante úteis à prossecução das suas investigações paralelas, mas também aos trabalhos de Ernesto do Canto que tentava mostrar a importância estratégica dos Açores nas navegações para Ocidente.

Atento ao panorama historiográfico nacional e internacional da época, Brito Rebelo revelou-se um crítico acérrimo de investigadores, tanto amadores como consagrados. Divergiu de Teófilo Braga por ter seguido erradamente e sem exame prévio nas fontes – o que acontecia com frequência – a versão proposta pelo visconde de Juromenha a respeito do navio que trouxe Luís de Camões para o Reino em 1570. A figura de Gil Vicente originou mais um caso de discórdia com o seu “amigo e patrício” que teve de “combater”, conforme revelou a Ernesto do Canto, de quem esperava ouvir uma opinião. É que Teófilo Braga continuava a defender que o poeta Gil Vicente e o ourives Gil Vicente eram a mesma pessoa, isto passados vinte anos após Camilo Castelo Branco e Brito Rebelo terem impugnado aquela ideia apoiados em genealogistas e diversos documentos arquivísticos. Ademais, Brito Rebelo discordou que Gil Vicente tivesse querido ofender Garcia de Resende quando num trecho poético das *Cortes de Júpiter* se referiu ao mesmo dizendo que estava “Feito peixe tamboril, E inda que tudo entende, Irá dizendo por ende: Quem me dera um arrabil” (*Ementas [...]*, II, 1902, p. 23), quando se trataria apenas de um trecho singelo e notável.

Porém, a crítica mordaz que o nosso biografado lançou fora dirigida a Oliveira Martins, por se deixar levar pela fantasia fugindo ao rigor histórico e documental. Na verdade, inserido na corrente historiográfica dita positivista, Brito Rebelo destacou-se por um trabalho de revisão histórica e desmistificação em torno de ideias feitas sem suporte documental como aconteceu no caso da Escola de Sagres – tema polémico e que havia de se prolongar no tempo. Se, por um lado, Brito Rebelo elogiava e inspirava-se no trabalho que Alexandre Herculano havia desenvolvido ao dissipar outras lendas da história nacional criadas ao longo dos tempos, por outro, considerava que muito ainda estava por fazer. Com efeito, em 1894, ano do V centenário das comemorações do nascimento do Infante D. Henrique, escreveu um artigo para a revista *Ocidente* onde contrariou não só a ideia de ter sido em Sagres a localização da vila fundada pelo Infante na costa algarvia, bem como a fantasiosa existência de uma escola nesse mesmo local onde se reuniam sábios, cosmógrafos e matemáticos que auxiliavam no desenrolar das navegações henriquinas. Noutro estudo, mas continuando na senda do “paiz das fabulas e do romance”, Brito Rebelo considerou lendária a figura de D. Fuaes Roupinho e inverosímeis as suas batalhas navais, de que não subsistia “o mais ténue vestígio nos escritores árabes ou cristãos contemporâneos desses pretendidos feitos heróicos” (*Livro [...]*, 1903, p. XII).

Embora a sua firme posição historiográfica Brito Rebelo não deixou de revelar a sua humildade como investigador e de salientar possíveis erros nas suas interpretações, como podemos verificar na advertência feita ao *Livro de Marinharia de João de Lisboa* ou na seguinte passagem: “O desejo de restabelecer a verdade é o que nos tem guiado em nossos trabalhos; se acertámos em alguma coisa, satisfação é para o nosso coração; se errámos, desculpem-nos os que nos lerem, mas levem-nos em conta, que, seguindo a divisa do grande infante, – cuja vida e acções temos a peito pôr em relevo, desembaraçando a dos sonhos que até tem dado ensejo a considerarem o mal, – apenas nos move o – *talent de bien faire*” (“Villa do Infante”, 1894, p. 71).



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

É de salientar os imensos contactos que o historiador micalense estabeleceu com outros investigadores reputados na sua área de interesse conforme revela a correspondência trocada com Ernesto do Canto. De facto, as dezenas de anos que passou na Torre do Tombo e os conhecimentos adquiridos sobre a documentação ali existente fizeram com que fosse bastante solicitado pelos indagadores históricos. Os seus apontamentos e cópias ficaram célebres de tal modo que alguns deles foram adquiridos pela Biblioteca Nacional. Toda essa actividade de investigação permitiu o estabelecimento de contactos com arquivos estrangeiros e a troca de correspondência com vários investigadores estrangeiros de nomeada, com especial destaque para Henry Harrisse, Henri Vignaud e Konrad Haebler, personalidades com quem discutia temas historiográficos ligados às navegações portuguesas. O seu trabalho de investigação foi igualmente útil ao conde Henry de Castries, que se aproveitou dele para a elaboração da obra *Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*. Para além disso, trocou correspondência assiduamente com Inocêncio Francisco da Silva, abordando sobretudo questões ligadas aos artigos do *Dicionário Bibliográfico Português*, que lhe ocupavam seis a oito horas de trabalho por dia para além daquelas que dedicava em simultâneo a outros projectos.

Em 1903, ao publicar um manuscrito de carácter náutico compilado em meados do século XVI que atribuiu ao piloto João de Lisboa, mas que continha igualmente indicações recolhidas por outros pilotos, Brito Rebelo empregou o termo “livro de marinharia” para o designar. De acordo com Luís de Albuquerque doravante os manuscritos semelhantes passaram a receber essa mesma designação e, na ausência de um autor a quem pudessem ser atribuídos, consideraram-se suposta e expressamente da autoria dos pilotos que com maior evidência surgiam citados nesses mesmos documentos, muito embora alguns fossem compostos por capítulos escritos após a morte dos autores a quem eram creditados. Este procedimento não teve a aderência explícita dos historiadores na época mas com o tempo tornou-se prática usual.

Paralelamente à vida intelectual, Brito Rebelo foi um cidadão empenhado nos domínios da vida pública. Sendo filho de um militar que esteve envolvido nas lutas contra os absolutistas e estivera presente no desembarque do Mindelo, revelou uma sensibilidade cívica ligada à defesa dos valores pátrios e que se alargaria aos problemas relacionados com a emigração açoriana para as ilhas de Sandwich, onde os seus conterrâneos sofriam maus tratos, tal como na questão das vítimas dos terramotos açorianos.

Em 1888 recebeu a comenda da Ordem de Avis e, já tardiamente, em 1911, tornou-se sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. “Mestre dos investigadores portugueses do seu tempo”, conforme referiu António Baião (*Catálogo [...]*, 1933, s/p), Brito Rebelo faleceu a 5 de Fevereiro de 1920, em Lisboa. Apesar da sua morte e labor historiográfico terem passado despercebidos aos olhos do grande público, Brito Rebelo deixou um legado cultural notável recentemente aclarado num estudo de José Damião Rodrigues e Francisco Silveira, onde é destacado como um dos historiadores mais importantes de finais do século XIX a princípios do seguinte na área dos descobrimentos marítimos portugueses.

Bibliografia activa: “Alguns traços da vida do Infante D. Henrique”. *O Instituto, Revista Científica e Literária* [Em linha], vol. XLI, terceira série, n.ºs 8-9, Fevereiro e Março de 1894, [Consult. 10 de Novembro

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de 2011]. Disponível em WWW: <URL: https://bdigital.sib.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41_v041/globalItems.html>; *Ementas Historicas*, I. *A idade de Affonso de Albuquerque*. Sep. de O Instituto, *Revista Científica e Literária*. Coimbra, vol. XLIII, Imprensa da Universidade, 1896, pp. 714-729; *Ementas Historicas*, II. *Gil Vicente. Estudos*. Lisboa, Empresa do Ocidente, 1902; “Em torno de Alexandre Herculano”. *Archivo Historico Portuguez*. Lisboa, vol. VIII, n.ºs 1-2, Jan-Fev de 1910, pp. 81-136; *Gil Vicente (1470 (?) - 1540 (?))*, Lisboa, Livraria Ferin, 1912; LISBOA, João de, *Livro de Marinharia. Tratado da Agulha de Marear de [...]*, cop. e coord. por Jacinto Ignacio de Brito Rebello, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1903; “Navegadores e Exploradores Portugueses até ao XVI Século (documentos para a sua história): Vasco da Gama, sua família, suas viagens, seus companheiros”. *Revista de Educação e Ensino*. Lisboa, vols. III-IV, 1898-1900; “Pedro Nunes Cosmógrafo. Apontamentos para a sua biografia”. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra, IV, 1915, pp. 18-23; PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinaçam*, edição popular com uma notícia, notas e glossário por J. I. de Brito Rebello, 4 vols., Lisboa, Livraria Ferreira Editora, 1908-1910; “Villa do Infante”. *O Ocidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa, ano 17, vol. XVII, n.º 548, 11 de Março de 1894, pp. 66-71.

Bibliografia passiva: *Catálogo de duas importantes Bibliotecas sendo uma delas a que pertenceu ao erudito académico, escritor e historiógrafo General J. I. Brito Rebelo Mestre dos investigadores do seu tempo [...]*. Org. Augusto Sá da Costa, pref. António Baião. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1933; NEVES, Álvaro, “Jacinto Inácio de Brito Rebelo – Micaelense douto”. *Diário dos Açores*. Ponta Delgada, ano 77, n.ºs 20 443-20 444, 17-18 Dez. 1946, pp. 1-2; RODRIGUES, José Damião e SILVEIRA, Francisco, “Ernesto do Canto, Brito Rebelo e a Construção do Arquivo dos Açores”. *Arquipélago. História. Revista da Universidade dos Açores* [Em linha], 2.ª série, IV, n.º 1, 2000, [Consult. 18 de Abril de 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/298>>.

Marco Oliveira Borges



APOIOS:

